

A tipografia *display* da revista D. Quixote entre os anos de 1917 e 1926

The typography display of D. Quixote magazine between the years 1917 to 1926

Bruno Vieira da Silva
Camila Assis Peres Silva
Wellington Gomes de Medeiros

Resumo: Este artigo apresenta estudo sobre a tipografia *display* da Revista D. Quixote, com destaque para os tipos titulares utilizados no logotipo da revista, e os tipos capitulares no corpo do texto nos exemplares publicados entre os anos de 1917 a 1926. Como aporte metodológico, foram analisados exemplares disponíveis em acervos digitais que disponibilizassem todo o conteúdo publicado. Na discussão dos aspectos tipográficos, foram consideradas as dimensões da microtipografia. Os resultados obtidos demonstraram variedade de estilos tipográficos com ausência de um padrão para o logotipo com fontes utilizadas e reutilizadas em um curto período de tempo. As tipografias capitulares também não apresentavam um padrão. Em um único exemplar, os tipos continham diferentes figuras e traços de letras sem impacto sobre a narrativa do texto.

Palavras-chave: Revista D. Quixote; tipografia *display*; capitulares; design.

Abstract: This article presents a study on the display typography of the D. Quixote magazine, with emphasis on the main types used in the magazine's logo, and the capital types in the body of the text in the copies published between the years 1917 to 1926. copies available in digital collections that made all the published content available were analyzed. In the discussion of typographic aspects, the dimensions of microtypography were considered. The results obtained showed a variety of typographic styles with the absence of a standard for the logo with fonts used and reused in a short period of time. The initial typographies also lacked a pattern. In a single copy, the types contained different figures and letter strokes with no impact on the narrative of the text.

Keywords: D. Quixote Magazine; typography display; capitulars; design.

Introdução

Com a chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808, a Imprensa Régia - depois nomeada de Tipografia Nacional - instalou-se no país, sendo responsável pela impressão dos documentos oficiais, como legislação e papéis provenientes de repartições reais (CAMARGO, 2019). Neste período colonial, as revistas desempenharam importante papel na comunicação, na informação e no entretenimento.

No início da imprensa no Brasil, as revistas eram publicações destinadas principalmente para a elite intelectual com conteúdos voltados para as ciências, as artes, literatura e profissões (CARR *et al*, 2019, p. 155). Foi por volta de 1850 que questões políticas, conteúdos para as mulheres e reproduções de obras de arte tornaram-se mais recorrentes, com o surgimento de classes sociais com maior capital no Brasil (CARDOSO, 2016, p. 62).

No século XX, especificamente nas décadas de 1910 a 1930, o mercado editorial obteve maior destaque no país, surgindo novas tipografias/editoras no Brasil. Neste período, a Tipografia Nacional expandiu suas atividades para impressão em outros formatos, como as revistas, sendo responsável no ano de 1927, pela impressão de uma das revistas ilustradas na época, a *D. Quixote*. Ainda no começo do século XX, grandes personalidades da ilustração ascenderam no mercado editorial. As ilustrações tornaram-se comuns nas revistas masculinas, com conteúdos de sátiras políticas e conteúdos eróticos, com evidente influência do design gráfico europeu (CARR *et al*, 2019, p. 155). Entre os mais famosos ilustradores da época, atuavam no design da revista *D. Quixote* o Julião, Raul, Calixto, Storni, Helios, Madeira de Freitas, George Bluow, Bambino e Nery.

D. Quixote foi uma revista do Rio de Janeiro de periodicidade semanal, de cunho político e com questões sociais, abordando estes temas com sátira e humor por meio de textos das matérias e ilustrações. A revista foi criada e dirigida pelo pernambucano Manuel Bastos Tigre, conhecido por D. Xiquote, permanecendo ativa entre os anos de 1917 e 1926, quando se encerraram as publicações.

Apesar de poucas informações sobre a revista, é possível notar pelo seu conteúdo que esta publicação periódica tinha a faixa etária adulta como público-alvo. E mesmo que suas publicações tenham sido em um período em que as mulheres não tinham o direito de voto no Brasil, as edições mostram também conteúdos direcionados para as mulheres.

O editorial da *D. Quixote* apresentava uma vasta variedade de ilustrações e tipografias em suas capas, no corpo das matérias e nos anúncios divulgados, com extravagantes traços ornamentais orgânicos, como a *Art Nouveau*, até a estética geométrica da *Art Déco*. É precisamente sobre a linguagem visual da revista que este artigo se debruça. Isto é, analisa os elementos visuais que constituem sua identidade, mais especificamente, dos logotipos no cabeçalho e das letras capitulares, conhecidos como tipografias *display*.

Como exemplifica a Figura 1, havia diferentes formas da tipografia *display* aplicadas nos cabeçalhos das revistas: a primeira edição datada do primeiro ano da revista, 1917; a segunda datada de 1921; e a terceira do último ano de publicação, 1926.



Figura 1: Capas da revista *D. Quixote*, do ano de 1917, 1921 e 1926.
Fonte: Acervo BNDigital (2021).

O objetivo deste trabalho é discutir a linguagem visual das tipografias *display* da revista *D. Quixote*, compreendendo por meio deste estudo de caso, um recorte do uso tipográfico de uma revista de cunho político, que teve contribuição de inúmeros ilustradores de notoriedade no design do começo do século XX.

Tipografia *display*

Antes de tudo, é importante entender o que é tipografia e sua importância. Farias (2016, p. 10) define tipografia como sendo um “conjunto de práticas e processos envolvidos na criação e utilização de símbolos visíveis relacionados aos caracteres ortográficos (letras) e para-ortográficos (números, sinais de pontuação, etc.) para fins de reprodução”. Ambrose e Gavin (2011) explicam que a tipografia é um dos elementos que mais influenciam um projeto gráfico. Os autores (2011, p. 6) afirmam que a tipografia é capaz de “produzir um efeito neutro ou despertar paixões, simbolizar movimentos artísticos, políticos ou filosóficos, ou ainda expressar a personalidade de um indivíduo ou organização”.

As tipografias *displays* são exemplos do que Ambrose e Gavin (2011) falam sobre movimentos artísticos e a propriedade de despertar diferentes percepções. De acordo com Clair e Busic-Snyder (2009, p. 361), a tipografia *display* “refere-se a tipos acima de corpo 14, bem como estilos de tipos decorativos geralmente usados para compor textos para títulos”. As autoras (2009) relatam que na história da tipografia, os tipos decorativos foram usados no design de livros, e que, geralmente, eram utilizados em páginas de títulos, aberturas e iniciais de capítulos. No século XIX, este estilo de escrita teve seu apogeu, pois com a simplicidade tipográfica dos tipos móveis do século, houve a necessidade de atrair a atenção para a leitura dos cartazes.

Quanto às tipografias capitulares, que tiveram seu ápice na Idade Média, eram exageradamente ornamentais. Porém, a função destes elementos gráficos não era simplesmente ornamentar as páginas dos impressos, mas também de destacar o início dos parágrafos, visto que os livros eram lidos nas reuniões religiosas em igrejas com ambientes escuros, e essas letras de proporção maior que as demais, e com cores contrastantes, ajudariam na leitura (MARCOS, 2007).

No período em que vigorou o estilo Rococó, a tipografia *display* passou a ser constituída por linhas finas, curvilíneas e com desenhos elaborados de traços florais, sendo visto pelas classes mais altas da Europa como ‘refinamento’, o que destacava o ofício dos calígrafos para a produção de impressos elaborados (CLAIR & BUSIC-SNYDER, 2009).

Além do destaque no começo do texto, servindo de ornamentação das páginas, as capitulares também reforçaram a narrativa, quando a figura que acompanha a letra capitular remete à temática descrita no texto, sendo nomeada de “inicial historiada”. Uma vez que essas letras eram reutilizadas, os desenhos nelas contidos poderiam ter ou não coerência com a narrativa do novo texto (FARIA & PERICÃO, 2008).

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como de abordagem qualitativa, uma vez que busca realizar análises não quantificáveis para melhor entendimento de acontecimentos históricos na construção da comunicação visual tipográfica. Partindo de um ponto de vista histórico e a compreensão de comportamentos comunicacionais, a natureza desta pesquisa se classifica como sendo básica. Quanto ao objetivo, trata-se de investigação descritiva, que, segundo Prodanov e Freitas (2013), é regida por registrar e descrever características de determinados fatos observados. O procedimento técnico abordado é documental, ou seja, é de exploração de materiais que ainda não foram analisados (GIL, 1991).

Para a realização das análises, foi necessário acessar acervos que dispusessem de todas as edições que a revista *D. Quixote* lançou, com boa qualidade na digitalização. O acervo da Biblioteca Nacional Digital (*BNDigital*), atendeu aos critérios estabelecidos na pesquisa disponibilizando imagens em ordem cronológica em seu site oficial (Figura 2). A navegação e as configurações da plataforma para folhear os exemplares são mais intuitivas e de melhor visualização se comparado com outros sites de acervos nacionais.



Figura 2: Revistas *D. Quixote* no Acervo BNDigital. Fonte: Captura de tela do Acervo BNDigital, modificado pelos autores (2021)

Na coleta e análise de dados foram verificadas 464 edições da revista, ou seja, todo o conteúdo publicado, desde o primeiro exemplar de 1917 até o último ano de publicação da *D. Quixote* em 1926.

Na investigação das características das tipografias, foram considerados os aspectos da microtipografia. De acordo com Woloszyn e Gonçalves (2018 *apud* STÖCKL, 2005) a microtipografia abrange a análise dos sinais gráficos de forma individual, como o estilo tipográfico e suas especificações, não levando em conta toda a página onde a tipografia está inserida, visto que o objeto central deste estudo é apenas a tipografia *display*.

Resultados e discussões

Neste capítulo, discutiremos a tipografia *display* da revista *D. Quixote* em duas partes. No primeiro tópico, é destacada a tipografia na capa dos exemplares da revista, em específico aquelas que serviam como logotipo. No segundo tópico, são discutidos os tipos capitulares no corpo do texto da revista durante os anos de publicação.

Tipos Titulares

Ao longo de suas 464 edições, o design gráfico da revista *D. Quixote* apresentou mudanças significativas. Isso provavelmente se deveu ao seu período de produção datado do começo do século XX, um período marcado pelas revoluções tecnológicas advindas da industrialização, da impressão, do design, e do surgimento de novas formas de se comunicar por meio de diferentes representações visuais.

No primeiro ano de publicação da revista, foram lançadas 33 edições, nas quais, de acordo com Cardoso (2005), predominava o estilo *Art Nouveau* como reflexo do contexto estético da época no Brasil. Na primeira capa é possível observar o nome da revista no cabeçalho (Figura 3) com traços do *Art Nouveau*. Clair e Busic-Snyder (2009) destacam as linhas curvas e sinuosas no design, e o interesse que se tinha por letras desenhadas (*lettering*). Outra característica é a “cintura” alta e baixa das letras, como menciona Raimes e Bhaskaran (2007). Essa cintura é percebida na barra do “E”, acentuada acima do centro óptico da letra. A mesma letra tem uma barra inferior tão contrastante que sua curvatura a deixa com a abertura mínima. O bojo na letra “D” remete com maior ênfase ao estilo *Art Nouveau*, pois sua curvatura tem um peso maior na base. Apesar de o logotipo não apresentar serifas, a barra do “T” faz uma curvatura deixando a letra com aspecto serifada. Nota-se que as letras se assemelham a caixa alta, apesar do “I” estar com pingo, algo pouco comum na tipografia.



Figura 3: Logotipo de uma edição de 1917.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

No ano inaugural da *D. Quixote*, foram usadas diferentes tipografias no cabeçalho, porém, o tipo na Figura 3 foi o que mais se repetiu naquele ano, aparecendo na capa de 13 edições. Além desta, ao longo do primeiro ano foram usadas outras 10 tipografias.

O logotipo que aparece em segunda posição como o mais recorrente em 1917 (em 6 edições), no ano seguinte, torna-se o mais predominante (Figura 4). Apesar das demais informações no cabeçalho ser em fonte *Art Nouveau*, o logotipo aparece de forma geometrizada. As fontes mais simples e geométricas são típicas da tipografia moderna do começo do século XX na Europa. Depois da extravagância tipográfica na era vitoriana, é possível notar que este estilo também foi

adotado como “título” na capa da *D. Quixote*, notando-se a letra “O” sem eixo e todas as letras sem contraste. Diferente dos traços geométricos das letras nesta capa, a cauda do “Q” apresenta traço orgânico. Das 48 edições em 1918, esta tipografia foi a mais utilizada, aparecendo em 24 capas, outras 18 tipografias foram usadas neste ano.



Figura 4: Logotipo de uma edição de 1918
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

Em 1919, o logotipo que mais apareceu foi novamente na modalidade *lettering* (Figura 5), que se assemelha com as tipografias no estilo *Art Nouveau*. Mas, diferente da Figura 6, este logotipo tem menos curvas. O “U” está com o arco mais reto em sua base, há contraste nas hastes das letras, o “O” com eixo bastante inclinado, com pouco espaçamento entre os traços diagonais do X, estando menor que as demais letras, alinhada sob a linha das ascendentes.

Apesar deste logotipo aparecer em 21 edições, houve edições com tipos geométricos em várias outras de 1919. A Figura 6 mostra os outros dois logotipos que ficariam em segundo e terceiro como mais utilizados. O logotipo à esquerda na figura, apareceu em 18 edições, caracterizada por uma tipografia egípcia, um estilo que surgiu no final do século XIX (CLAIR; BUSIC-SNYDER, 2009). O da direita é um *lettering* com formas triangulares e sobreposição de letras (em 10 edições), tendo uma expressão tipográfica desconstruída comparada com a forma tradicional de composição.



Figura 5: Logotipo de uma edição de 1919.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)



Figura 6: Segundo e terceiro logotipo predominante nas capas de 1919.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

No quarto ano da *D. Quixote*, o *lettering* apareceu com algumas alterações (Figura 7) serifas quadradas; hastes inclinadas da letra “U”, com abertura menor; o bojo da letra “D” sem peso na base e com curva uniformizada. O logotipo permanece em *outline* (tipos com contornos surgidos na Revolução Industrial), mas aparece combinada com as ilustrações no mesmo espaço gráfico. Das 52 edições deste ano, este *lettering* apareceu em 30. Nas laterais com o logotipo, se insere os preços das revistas com tipografia feita manualmente, observando que não possui uma padronização entre os caracteres iguais, como as letras E e A. Este *lettering* tem características geométricas, o que fica mais nítido nos números.



Figura 7: Logotipo predominante em 1920.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

Nas edições de 1921 e 1922 predominou tipografia com traços finos e delicados que se diferencia totalmente dos anos anteriores (Figura 8), com caligrafia *script*, uma tipografia que aparece no final do século XIX, e que se diferencia da tipografia cursiva pelas letras unidas por junções (CLAIR; BUSIC-SNYDER, 2009). Essa tipografia foi o único logotipo a ser repetido nas capas em 1921, em 47 edições, e a mais usada em 1922 em 31 edições. Durante estes dois anos, o cabeçalho manteve as informações complementares da revista e da edição em estilo *Art Nouveau*. Enquanto o *lettering* dos preços também aparece geométrico, assim como o *Art Déco* e sem padronização entre os caracteres.



Figura 8: Logotipo predominante em 1921.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

Assim como na Europa, no Brasil, o estilo *Art Déco* foi muito difundido na década de 1920 nos projetos gráficos das mais famosas revistas, como *O Malho*, *A Maçã*, *Para Todos*, e *Tico-Tico*. A revista *D. Quixote* seguiu o mesmo princípio estético (Figura 9) entre os anos 1923, 1924, 1925 e 1926, havendo poucas mudanças entre as edições destes anos.

Clair e Busic-Snyder (2009, p. 97) explicam que o estilo *Art Déco* no design é tecnicamente elaborado e geometricamente linear com simetria bilateral. São, em geral, tipografias sem serifas ou com pequenas serifas (RAIMES; BHASKARAN, 2007).

A tipografia mais recorrente nas edições de 1923 apresentam algumas diferenças quando comparadas aos anos seguintes, a exemplo, as variações nas larguras dos caracteres no mesmo logotipo, sendo esta, como algumas letras condensadas, principalmente o “U” “I” e o “X”, em contraste com as letras “Q” e “O”, com larguras regulares. Ainda assim, esses caracteres possuem proporções mais condensadas que os demais logotipos, como por exemplo, a de 1926, que aparece mais expandida. A cauda do “Q” sangra pelo lado esquerdo enquanto as outras

sangram pelos dois lados Figura 9). O logotipo de 1923 apresenta contraste em seus traços, enquanto os outros logotipos predominantes ficam sem contraste. O “E” aparece com haste em 1923, as que predominam nos anos seguintes aparecem com bojo. Pode-se notar também nas laterais do logotipo, o *lettering* com bastante contraste, com exceção dos números zero. Esta tipografia que com evidência ainda mais forte do *Art Déco*, acompanha ornamento geográfico, com variações de pequenos quadrados e retângulos. Quanto às informações na parte superior, não se utiliza mais a tipografia em *Art Nouveau*, ficando mais simples.



Figura 9: Logotipo predominante em 1923.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

No ano de 1924, com 36 edições, o logotipo da Figura 10, tornou-se o mais recorrente, em 21 edições. Foram utilizados outros 5 logotipos diferentes. Este logotipo tem semelhanças com o usado no ano anterior, porém, como dito, fica sem contraste, a letra E é usada com bojo, e a barra e a haste do T descentralizada. O logotipo também apresenta ornamentos como contornos e losangos. As informações de preços, que passam a ser utilizadas na parte inferior, ganha um peso *bold*, com contraste, serifa e bastante geométrica, como mostra a letra A, formando um triângulo.



Figura 10: Logotipo predominante em 1924.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

Em 1925, se repete com recorrência o logotipo do ano anterior (Figura 10), em 25 edições. E assim, como em 1924, o logotipo da Figura 11 apareceu como o segundo mais utilizado, esteve presente em 10 edições e neste ano aparece em 7. Além dos logotipos da Figura 10 e 11, outros foram usados, totalizando em 7 variações. Este logotipo também tem variações entre os caracteres, como por exemplo: o D e o Q são as únicas com serifa; contrastes nas letras T, E e na parte superior e inferior do D e inferior da letra U; calda do Q na horizontal; letras Q e O com o corpo menor.

Tal como nos anos anteriores, as figuras presentes nos logotipos são representações masculinas, folheando, possivelmente, a revista *D. Quixote*. São imagens de diferentes homens, profissão e classes, mas geralmente estão com chapéus, roupas sociais, e até mesmo com armas.



Figura 11:
Segundo logotipo
predominante
em 1925.
Fonte: Acervo
BNDigital (2021)

No último ano da revista, em 1926, o número de edições diminuiu, assim, houve apenas 4 variações de logotipos, entre eles, o mesmo dos anos anteriores (Figura 10) em 4 edições. Semelhante a este, se utilizou outro logotipo semelhante, utilizado em 4 edições também, porém, com variação expandida e a cada do Q fica maior, ultrapassando o lado esquerdo do seu bojo (Figura 12). Em 3 edições, novamente se aplica o logotipo com letras cursivas (predominante em 1921; Figura 8). A última imagem da Figura 12, com letras serifadas, contornos e contraste em seus traços, foi usada em apenas 1 edição, e não aplicada em nenhuma outra capa da revista.

Estes últimos anos da revista, além de mudanças nos estilos tipográficos seguindo as tendências do design gráfico, as cores e as ilustrações também seguiram o mesmo princípio, com traços geometrizados e cores de predominância vermelha, verde, azul e preta.



Figura 12: Logotipos
predominantes
em 1926.
Fonte: Acervo
BNDigital (2021)

Tipos Capitulares

Vários ilustradores cooperaram no design da *D. Quixote*, a exemplo de Calixto, renomado desenhista da época. Mas por se tratar de um grande número de edições e que cada uma apresenta ilustrações diferentes, não se debruçará com profundidade neste aspecto visual da revista. Entretanto, ainda no universo das tipografias, além do tipo *display* no logotipo presente no cabeçalho das capas, se destaca outra tipografia *display* da revista, as capitulares (Figura 13). Por este motivo, tratamos a seguir de alguns aspectos relevantes sobre algumas capitulares da revista *D. Quixote*, mas especificamente, as capitulares ornamentadas.

Clair e Busic-Snyder (2009, p. 256) caracterizam as tipografias capitulares como letras grandes, decorativas, com a função de chamar a atenção do leitor para o início de uma matéria, história ou capítulo. Sua origem remonta aos manuscritos medievais, inseridas nas iluminuras, acompanhadas de ornamentos.

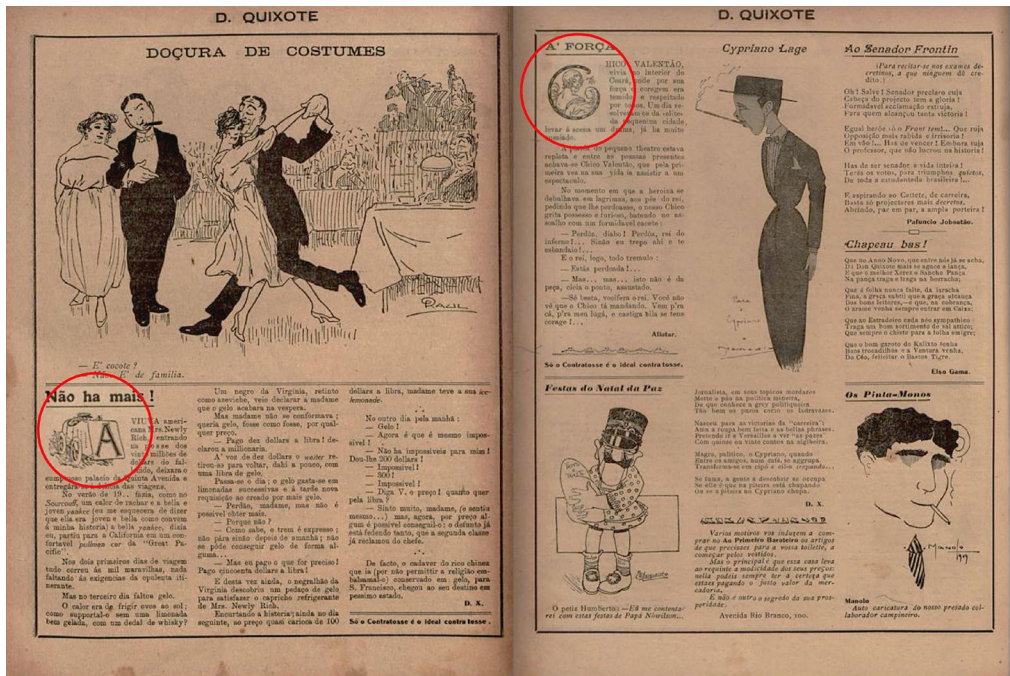


Figura 13: Páginas com duas capitulares (T e H) no corpo do texto da D. Quixote. Fonte: Acervo BNDigital (2021)

As capitulares da *D. Quixote* nas primeiras edições aparecem com corpo pequeno ou características mais simples, como por exemplo: as capitulares elevadas, fixada na primeira linha do texto e ultrapassando a linha das ascendentes; a capitular baixada, se encaixando no corpo do texto e passando por mais de uma linha; e capitular pendente, na qual o corpo do texto se separada por uma coluna (Figura 14). Anos seguintes a presença das capitulares torna-se frequente, estando ao lado das ilustrações, como o exemplo da capitular pendente, e outras, as capitulares estão agrupadas nas ilustrações, formando as capitulares ornamentadas. Todas as capitulares ornamentadas se apresentam como baixadas, como exemplifica a Figura 10.

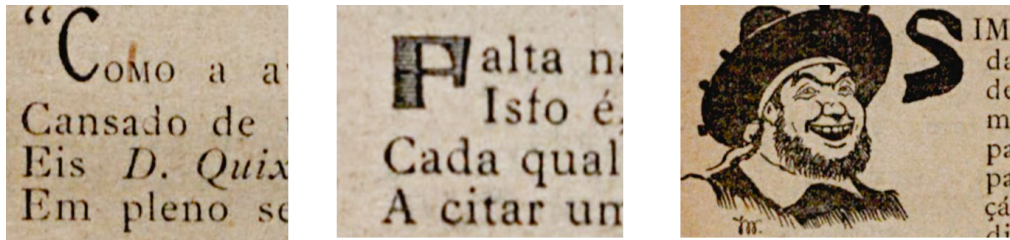


Figura 14: Variações e evoluções das capitulares no corpo do texto da D. Quixote, da esquerda para direita: capitular elevada, capitular baixada e capitular pendente. Fonte: Acervo BNDigital (2021)

As letras capitulares não possuem um estilo que as façam se assemelhar entre si, em uma mesma edição, se encontra diferentes estilos de capitulares, às vezes, apresentando serifas, bold, regular, light, condensada, expandida, preenchidas e também em outline (Figura 15).

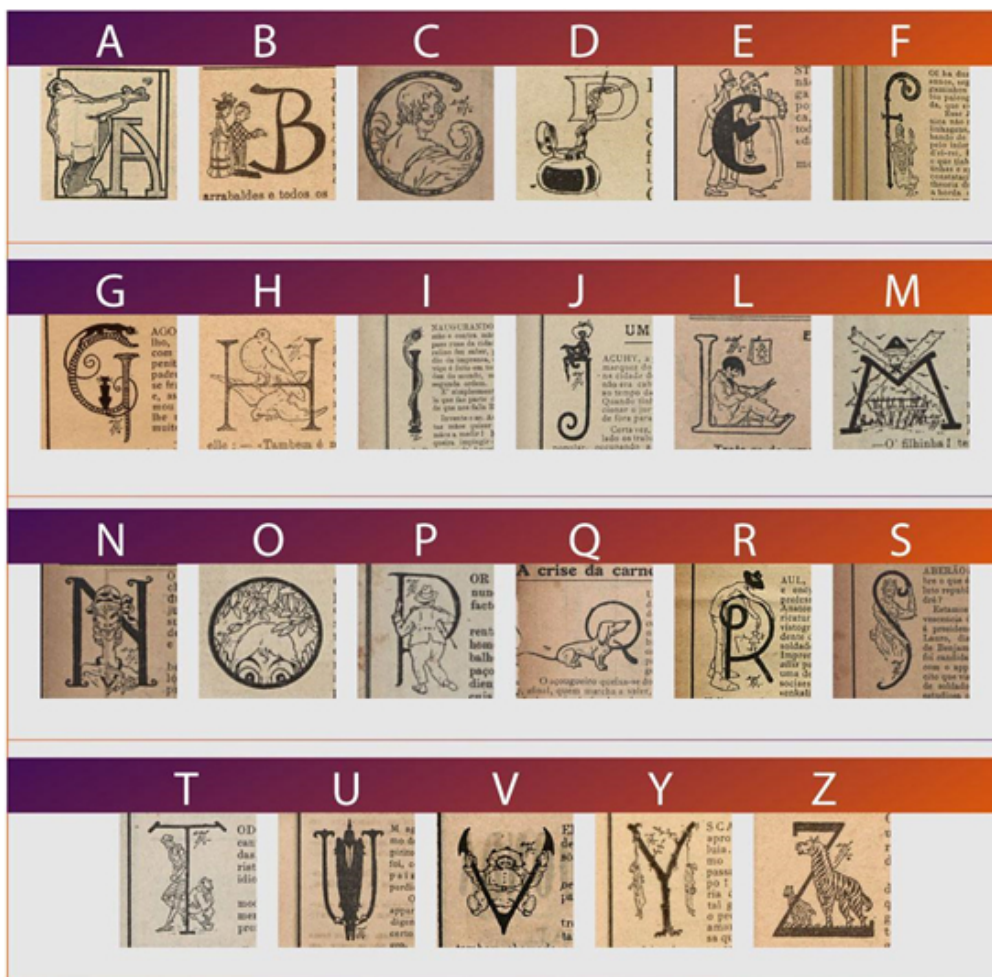


Figura 15: Alfabeto de letras capitulares da revista *D. Quixote*. Fonte: Elaborado pelo autor com base na revista *D. Quixote* no acervo BNDigital (2021)

A Figura 15, mostra um compilado com alfabeto capituloar da revista *D. Quixote*, retiradas das variadas edições lançadas. De todos os exemplares, não se encontrou capitulares das letras K, W e X. As letras não possuem apenas uma única ilustração, ou seja, cada letra capituloar apresenta diferentes estilos tipográficos e representações imagéticas.

As letras são também representações de figuras humanas e animais que se comportam de diferentes maneiras sobre as capitulares, como por exemplo, na letra “G” há duas figuras de animais posicionadas no bojo e no olho da letra, no “T”, duas figuras humanas se encostam à haste, no braço do “Y” há duas figuras humanas penduradas com corda no pescoço.

As capitulares da *D. Quixote* são diferentes de outras revistas da época, como a *Ilustração Brasileira* e a *Tico-Tico*, que também utilizavam capitulares, mas que possuíam uma padronização, como os mesmos arabescos florais, ou mesmo estilo tipográfico, ou cada letra consequentemente se utilizada da mesma figura nas edições dos exemplares ao longo do ano. Maus e Farias (2015) explicam que os motivos florais eram comuns nos impressos das capitulares na época, e se usava elementos gráficos que representavam e valorizavam a cultura local. Diferente da *D. Quixote*, com ausência de ilustrações florais.

As capitulares da *Ilustração Brasileira* mantinham uma padronização de uso da mesma tipografia e nos ornamentos, assim como mostra a Figura 16. Quanto à revista *Tico-Tico*, nota-se uma

variação de tipografias e de figuras, apesar destas ilustrações serem de animais e posicionada abaixo das letras, e em maior parte, no lado esquerdo, como mostra a Figura 17.



Figura 16: Capitulares da revista *Ilustração Brasileira*.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)



Figura 17: Capitulares da revista *Tico-Tico*.
Fonte: Acervo BNDigital (2021)

Inicialmente, as capitulares complementavam o texto da matéria como um reforço visual. Por se tratar de uma revista de cunho político e humor, no caso da *D. Quixote*, a figura na capitular é uma crítica ou alguma outra conotação indireta ao conteúdo, como, por exemplo, na matéria sobre o aumento do preço da carne, com a inserção da capitular “Q” com a representação da figura de um cachorro. Considerando que, essa mesma capitular está em outras edições com outras matérias, é possível deduzir que, nem sempre o uso da capitular com figuras tenha por objetivo reforçar o conteúdo, mas apenas como uma forma de destacar o início do texto.

De modo geral, as ilustrações das capitulares são em preto e branco, assim como todo o conteúdo da revista, que só nos últimos anos passou a utilizar uma variedade de cores em suas capas. As figuras que interagem com as letras, em sua maioria, são compostas por contornos, ou seja, não possui preenchimento nas formas, uma solução que torna as figuras mais legíveis, o qual dificultaria se houvesse preenchimento das formas com tinta preta. Além disso, apesar da variedade de estilos tipográficos das capitulares, é possível observar na Figura 15, que o uso de letras com peso *light* era mais frequente, o que facilitava a interação das figuras com as letras, e proporcionando um maior espaço para as imagens de representações humanas e de animais.

Considerações finais

Este estudo contribuiu para o entendimento do design de logotipos em revistas do começo do século XX, mais especificamente as edições da revista *D. Quixote* entre os anos de 1917 a 1926 e as diferentes formas como essa revista comunicava por meio de suas tipografias *display*. De forma distinta dos dias atuais, em que os meios de comunicação impressos adotam logotipos que se alteram de forma lenta e por diferentes motivos, a *D. Quixote* se apropriou de tipografias diversas em um único ano, apesar de haver uma quantidade predominante no uso

de uma mesma tipografia ou de um estilo como *Art Nouveau* e *Art Déco*. Outro ponto que merece ser destacado é que o estilo *Art Déco* aconteceu em um período de tempo muito semelhante ao que estava vigorando na Europa, recorrente tanto no design gráfico, como na arquitetura, no design de produto e no vestuário, ou seja, a *D. Quixote* estava acompanhando as tendências internacionais que também apresentavam essas variações do padrão tipográfico dos logos. Assim também, o *Art Nouveau* ainda presente no design gráfico, a revista *D. Quixote* continua a utilizar as informações complementares do cabeçalho das capas.

Assim como nas capas, as capitulares também apresentavam ausência de um estilo padronizado. Porém, tinham a função de chamar a atenção do leitor e de destacar o texto e provocar a curiosidade estética sobre a figura composta sobre a letra.

O vasto conteúdo da *D. Quixote* abre espaço para novas discussões sobre as tipografias que vão além da tipografia *display*, suas ilustrações nas capas e nas matérias e propagandas, como também o uso das cores que foram se modificando e se assemelhando com outras revistas da época. É passível também, realizar uma comparação entre os logotipos de características de movimentos artísticos internacionais como o que se estava a publicar em outros países, como na Europa. Espera-se assim, como desdobramentos futuros, se aprofundar nestes outros aspectos que tangem a revista *D. Quixote*.

Referências

- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Tipografia**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- BNDIGITAL. **D. Quixote**. Rio de Janeiro, 1917. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/d-quixote/095648>. Acesso em: 7 set. 2021.
- CAMARGO, Angélica Ricci. **Tipografia Nacional**. MAPA, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/347-tipografia-nacionallink>. Acesso em: 05 set. 2021.
- CARDOSO, Rafael (Org.). **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Blucher, 2016.
- CARR, Joyce; DOMICIANO, Cássia Letícia Carrara; VERDELLI, Caio Matheus de Almeida; MACHADO, Ana Gabriela Sotero. Revista A Cigarra: uma análise da representação da mulher durante a segunda guerra mundial através do design editorial. **Revista Educação Gráfica**, v. 23, n. 2, p. 153-170, 2019. Disponível em: <http://www.educacaografica.inf.br/artigos/revista-a-cigarra-uma-analise-da-representacao-da-mulher-durante-a-segunda-guerra-mundial-atraves-do-design-editorial-cigarra-magazine-an-analysis-of-women-representation-during-the-second-world-w>. Acesso em 05 set. 2021.
- CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. **Manual de tipografia: a história, a técnica e a arte**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico**. Guimarães: Gráfica de Coimbra, 2008.
- FARIAS, Priscila Lena. **Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas**. 2016. Tese (Livre Docência em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-10032017-161946/pt-br.php>. Acesso em: 2022-04-27.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- MARCOS, Juan-José. **Letras capitulares: concepto, historia, evolución y uso tipográfico**. Plasencia: 2007. Disponível em: <http://guindo.pntic.mec.es/jmag0042/CAPITULARES.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- MAUS, Laércio Carlos Ribeiro dos Santos; FARIAS, Priscila Lena. Tipografia como Identidade Cultural na Revista Ilustração Paranaense. **Revista Educação Gráfica**, v. 19, n. 3, p. 276-287, 2015. Disponível em: <http://www.educacaografica.inf.br/artigos/tipografia-como-identidade-cultural-na-revista-illustracao-paranaense-typography-as-cultural-identity-in-the-magazine-illustracao-paranaense>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e do trabalho acadêmico**. 2º. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RAIMES, Jonathan; BHASKARAN, Lakshmi. **Design Retrô: 100 anos de design gráfico**. São Paulo: Senac, 2007.
- STÖCKL, Hartmut. Typography: body and dress of a text – a signing mode between language and image. *In: Visual Communication*, v. 4, n.2, p.204-214, 2005.
- WOLOSZYN, Maíra; GONÇALVES, Berenice Santos. Dimensões e fatores de aplicação da tipografia em livros digitais. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 80-96, 2018. DOI: 10.51358/id.v15i1.635. Disponível em: <https://infodesign.emnuvens.com.br/infodesign/article/view/635>. Acesso em: 18 dez. 2021.

Sobre os autores

Bruno Vieira da Silva é doutorando em Design na Universidade de São Paulo (USP).. Mestre em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bacharel em Design pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste (UFPE/CAA). Tem realizado pesquisas no campo do Design e em Patrimônio com os seguintes temas: Memória Gráfica; Comunicação Visual; Tipografia; Tipografia Memorial; Patrimônio Material; Patrimônio Cemiterial; e História do Design.

E-mail: ibrunovieiras@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5041277274400573>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5811-8624>

Camila Assis Peres Silva é professora adjunta e membro do Programa de Pós-Graduação do Curso de Design da UFCG. Doutora em Design (FAU/USP), possui mestrado em Design pela ESDI/UERJ (2012) e graduação em Desenho Industrial (Programação Visual) pela EBA/UFRJ (2004). Possui especializações lato sensu em Marketing Empresarial pela UFF (2006) e em Planejamento, implementação e gestão de EAD pela UFF/UAB (2013). Desde 2005 atua no segmento de design de embalagens para cosméticos, perfumaria e higiene pessoal, somando experiências práticas em empresas do ramo com experiências acadêmicas. Hoje se dedica ao ensino superior e à pesquisa acadêmica.

E-mail: silva.camila.assis@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8299215663548556>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1747-0554>

Wellington Gomes de Medeiros é PhD em Design pela Universidade de Staffordshire, Inglaterra; Mestre em Artes Visuais pela UFRGS; e Graduado em Design pela UFPB. Atualmente é professor associado no Curso de Design da Universidade Federal de Campina Grande. Professor Convidado na Universidade do Minho, Portugal. Foi bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq de

2011 a 2014. Desde 2012 é assessor científico da Fapesp/SP. Em 2013 criou o Programa de Pós-Graduação em Design da UFCG, do qual foi Coordenador entre 2014 e 2019. Foi bolsista Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq de 2016 a 2021. Foi membro do CA-DI (Comitê de Assessoramento em Design do CNPq) entre 2018 e 2021.

E-mail: wellingtondemedeiros@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6396433371553145>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8931-5003>

Recebido em: 27 de abril de 2022

Aprovado em 29 de junho de 2023